

A “LIBERDADE” DO HOMEM BEM-EDUCADO...

Ézio João Cardoso

Professor do CESUMAR – Supervisor de
Ensino – Especialista em Psicopedagogia –
Mestrando em Educação

RESUMO: O presente trabalho discute e confronta algumas visões sobre o que é liberdade. Para isso, cita alguns pensadores como: Rosseau, Frondizi, Stuart Mill, Erich Fromm, Marx, Linguet e Brenner.

ABSTRACT: The present work discusses and it confronts some visions on what it is freedom. For that it mentions some thinkers as: Rousseau, Frondizi, Stuart Mill, Erich Fromm, Marx, Linguet and Brenner.

INTRODUÇÃO

Uma das maiores questões dos filósofos é a de discutir o que é liberdade.

A liberdade tem subjacente os direitos fundamentais do homem, a Ética e a Moral que, como se percebe, não está relacionada somente ao homem enquanto indivíduo, mas a uma comunidade e à cultura desta.

E, nesse sentido, quando, na maioria das vezes, se discute a liberdade do homem, discute-se enquanto homem social. Homem que compõe um coletivo, uma comunidade, uma cultura.

O que o presente artigo pretende discutir é exatamente a questão da liberdade do homem do ponto de vista individual. O homem enquanto um ser natural, com seus pensamentos e desejos que, não raro, superam a socialização e transgridem as leis vigentes “sociais”:

Renunciar à liberdade é renunciar à qualidade de homem, aos direitos da humanidade, e até aos próprios deveres. Não há recompensa possível para quem a tudo renuncia. Tal renúncia não se compadece com a natureza do homem, e destituir-se voluntariamente de toda e qualquer liberdade equivale a excluir a moralidade de suas ações."

O que é liberdade?

No senso comum, como também nos dicionários, liberdade é: “Condição de uma pessoa poder dispor de si; faculdade de fazer ou deixar fazer uma coisa; livre arbítrio; faculdade de praticar tudo aquilo que não é proibido por lei; o uso dos direitos do homem livre; deliberação; ousadia; fraqueza; direitos”. (BUENO, Francisco da Silveira. Dicionário da língua portuguesa).

Mas, para se entender realmente o que é liberdade, sem a preocupação de conceituação, faz-se necessário entender, primeiramente, o que é o homem; como se dá o seu desenvolvimento, sua natureza e sua socialização, para, posteriormente, ter-se uma idéia do que é liberdade.

O desenvolvimento mental da criança é qualitativamente diferente do desenvolvimento do comportamento nos animais. Esta diferença provém, sobretudo, da ausência nos animais, de um processo essencial no desenvolvimento da criança: o processo de apropriação da experiência acumulada pela humanidade, ao longo da sua história social.

Desde o nascimento, a criança é rodeada por um mundo objetivo, criado pelos homens; são os objetos correntes, as roupas, os instrumentos mais simples, a língua e suas concepções, as noções, as idéias que a refletem. Os próprios fenômenos naturais, encontra-os a criança nas condições criadas pelos homens: as roupas protegem-na do frio, a iluminação artificial afasta as trevas da noite. Pode-se dizer que a criança começa o seu desenvolvimento psíquico num mundo humano.

Esse processo de socialização primária que acontece durante a infância é inevitável diante do qual o indivíduo não pode oferecer resistência. Aprenderá a andar, a forma de vestir-se, os usos sociais, o comportamento com os objetos, as normas morais, os valores, o que é belo e o que é desagradável, a interpretar as reações dos outros e a responder de forma adequada às mesmas, as comidas apetecíveis, a maneira de dormir, e inclusive, a fazer as duas necessidades fisiológicas mais primárias. Tudo isso é adquirido como se fosse por osmose, já que o indivíduo está imerso no meio social e é afetado por tudo. Nas suas relações com os outros e nas suas relações com os objetos, que são, por sua vez, um produto social, a criança está recebendo toda a experiência desse grupo social. A própria maneira de tratar a criança, a conduta que os adultos têm com ela e a conduta que ela observa entre os adultos e terá uma grande influência sobre a sua vida futura. E como são relações dentro das quais o indivíduo está imerso, não pode fugir delas de forma alguma.

A família, a Igreja, o clube e, finalmente, a escola acabam sufocando a voz da natureza. A educação aperfeiçoa a ternura e o

comportamento na criança. Ela ensina a pensar. Como também a pôr o chapéu, a argumentar, como também a se comportar fora de casa. Ela lhe ensina a apreciar coisas que, sem ela, só lhe inspirariam aversão. Habitua-se a compartilhar, sem retulância, sentimentos alheios e a se deixar arrastar por uma agitação para a qual não contribuiu.

Assim,

“enfraquecidos, debilitados pela educação, seus braços não conseguem mais protegê-lo da fúria dos animais ferozes. Efeminados pelas artes, suas mãos não permitem mais que ele suba em árvores para apanhar a subsistência a que a natureza lhe preparou. Degenerado pelo costume de usar roupas, o seu corpo se tornou sensível às menores mudanças do tempo. O calor consome-o, o frio resfria-o, a chuva molha-o, apesar dos tecidos artificiais com os quais ele pretende, de certo modo, fazer uma outra pele...” (LINGUET: THEORIE DES LOIS CIVILES (1767) LIVRO I.

A própria sociedade, com o objetivo de manter a harmonia “social”, organizou formas de lutar contra indivíduos que rejeitassem a expropriação de sua natureza primitiva. Neste sentido, Althusser distingue, no Estado, os Aparelhos Ideológicos de Estado, que são todos os sistemas que têm por objetivo a inculcação ideológica, como o Religioso, o Escolar, o Familiar, o Político; e, por fim, os Aparelhos Repressivos de Estado, que funcionam como apoio ao ideológico, caso este não consiga seu intento.

Portanto, o homem passou a depender de uma série de norma e padrões, determinados pela própria sociedade, independente de sua vontade particular.

Conforme Erich Fromm:

“Ele se tornou livre dos vínculos externos que o impediriam de fazer e pensar o que acha adequado. Teria liberdade de agir segundo sua própria vontade, caso soubesse o que quer, pensa e sente, porém não sabe. Conforma-se com autoridades anônimas e adota um ego que não é dele. Quanto mais faz isto, tanto mais impotente se sente e tanto mais obrigado fica a conformar-se. A despeito de uma casca de otimismo e iniciativa, o homem moderno é dominado por um sentimento entranhado de impotência que o faz encarar as catástrofes que se aproximam como se estivesse paralisado.” (O medo à liberdade. p.209-210).

Assim, não é menor a mudança sofrida por sua lama. Ele não é mais capaz de suportar a solidão, nem de bastar-se a si mesmo, tem necessidade de amparo e de consolo. Tornou-se medroso e pusilânime. Ao invés de usufruir do presente momento, não faz a não ser desesperar pelo passado que não lhe pertence mais e se afligir pelo futuro de que não dispõe ainda. O desgosto o mortifica, a curiosidade o atormenta. A inquietação arrasta-o para junto de seus semelhantes, e por este meio, ele se persuade a estar aliviado.

Não há, portanto, nada a fazer senão renunciar a estas quimeras de liberdade e de independência. Não resta outra coisa a fazer senão conformar a sua conduta aos princípios das convenções civis. Necessário é se preparar para aquilo que se chama a própria vida. Necessário também é deixar falar alto o interesse próprio, de tomar a resolução, motivada pela mais premente de todas as razões, de combater o interesse alheio animado pelo mesmo princípio, pela necessidade, de se vestir, de usufruir de algumas dessas distrações passageiras honradas com o nome de prazer.

O indivíduo, deixando a sua natureza primitiva, passa a transformar a natureza e, ao mesmo tempo, transformar-se, isto é, através do trabalho, o homem estabelece uma relação dialética já que pelo trabalho o homem se autoproduz: desenvolve as suas habilidades, a imaginação; aprende a conhecer as forças da natureza e a desafiá-las; aprende a conhecer suas próprias forças e limitações; relaciona-se com os companheiros e vive os afetos de toda relação; impõe-se uma disciplina. O homem não é sempre o mesmo, pois o trabalho altera a visão que ele tem do mundo e de si mesmo.

Significa dizer que o homem vive num sistema simbólico, pois, “... isto constitui um dos modos pelos quais uma representação é socializada, moldada e modificada para se ajustar à compreensão e às expectativas da sociedade em que é apresentada...” (A Representação do Eu na Vida Cotidiana. p. 40). Citação de quatro linhas não tem estrutura

Desta forma, o homem passou a pensar e agir não mais pelos seus próprios domínios, e sim, inculcado por todo um processo cultural de uma determinada sociedade. Pois, conforme MARX: “Não é a consciência que determina a vida, mas ao contrário, a vida é que determina e consciência.” (nota)

Marx diz que o homem, ao nascer, já não tem **liberdade** em seus comportamentos, já que tudo nele é determinado pelas relações sociais, principalmente as relações de produção. A ação do homem não é mais natural, pois, inconscientemente, todo o seu pensar advém dos modos de produção.

Conforme Brenner (1987, p. 18) quando fala sobre esse determinismo, mais especificamente o psíquico, “o sentido deste princípio é o de que na mente, assim como na natureza física que nos cerca, nada

acontece por acaso ou de modo fortuito. Cada evento psíquico é determinado por aqueles que o precederam”.

O próprio Rousseau vê a civilização como responsável pela degeneração das exigências morais profundas da natureza humana e sua substituição pela cultura intelectual. Ele coloca que a vida do homem primitivo, isto é, alheia a esta sociedade, seria feliz, porque ele sabe viver de acordo com suas necessidades inatas. Mas este homem (primitivo) já não existe. E se existir, será marginalizado.

Sendo assim, o homem, por viver numa sociedade cheia de regras e viver determinado por essas, não é livre, pois, de acordo com Locke, “A liberdade natural do homem consiste em estar livre de qualquer poder superior na Terra, e não sob a vontade ou autoridade legislativa do homem, tendo somente a lei da natureza como regra”. (nota)

Portanto, o que se vê é que o homem vive e sobrevive sob fachadas, isto é, a sua vida é agradar aos outros, para também ser agradado. Sua consciência não é mais individual, mas de acordo com normas e regras de uma dada sociedade. Todo o pensar, embora pense-se seja livre, está preso às condições dessa mesma sociedade. O homem não é livre no sentido de sua própria vontade, porém, é livre quando realmente perde sua liberdade individual, no sentido de sua natureza. Fica dependente de um sistema e vive somente para atendê-lo. (contradição?)

GOFFMAN afirma que:

“... representação... para me referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência. Será conveniente denominar de ‘fachada’ à parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação...” (A Representação do eu na vida cotidiana. p. 29).

Percebe-se que o homem pensa, sente, deseja. Ele não é só isto ou aquilo. Ele é um todo, ser complexo que pode se sentir livre ao estar preso ao sistema, como também pode se sentir preso ao estar vagando ao céu aberto, porém, sem quaisquer perspectivas.

Portanto, conceituar liberdade é, como diz Frondizini,

“Partimos de la noción de ‘libre’ y no de ‘libertad’... La libertad es una hipótesis, como el amor, la muerte, la justicia, la pobreza y tantas otras nociones de us común que han dado lugar a muchas metáforas: ‘me persigue la pobreza’, ‘la muerte anda rondando’. En el mejor de los casos son conceptos generales abstractos que se derivan de procesos o cualidades de hechos.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FROMM, Erich. O medo à Liberdade Zahar Editores. Rio de Janeiro.
- FRONDIZINI, Risiere. Introducción a los problemas fundamentales del hombre México. Fondo de Cultura Econômica.
- LEONTIEV, Aléxis. O Desenvolvimento do Psiquismo. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- LINGUET. Théorie dès lois civiles (1767) Livro I Da utilidade das Leis.
- LOCKE, John. Segundo tratado sobre o governo. São Paulo, Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)
- MIL, Stuart. Ensaio sobre a Liberdade. Ed Acácia, Lisboa, Janeiro, 1964.